

Como Sarney usa a autoridade

Ricardo Noblat

Na noite da última segunda-feira, o jornalista Roberto Marinho telefonou do Rio de Janeiro para o presidente José Sarney que, àquela altura, já se recolhera ao Palácio da Alvorada. Marinho leu o editorial que seu jornal, *O Globo*, publicaria no dia seguinte sob o título "Responsabilidade e Comando". O editorial acusava auxiliares do presidente de agirem para minar as chances de sucesso da proposta de pacto social.

Criticava-os por tentarem desmoralizar as negociações do pacto, insinuando que elas poderiam abrigar "interesses ocultos" ligados a operações de conversão de parte da dívida externa. Ameaçava-os, por fim, com o anúncio da disposição dos parceiros do pacto de tornarem públicos procedimentos ilícitos que teriam ocorrido durante o processo da renegociação da dívida externa, comandado pelo ministro da Fazenda.

O editorial tinha um endereço certo: o ministro Mailson da Nóbrega; a quem Marinho, depois, em entrevista ao jornal *O Estado de S. Paulo*, chamaria de "omisso" e "incompetente". Sarney ouviu a leitura do editorial e depois o comentou, por telefone, com Mailson, reunido com seus principais assessores no Ministério da Fazenda. Ofereceu-se, em seguida, para intervir junto ao jornalista para amenizar o tom do editorial.

O ministro recusou o oferecimento. Sarney confirmou, assim, uma vez mais, sua vocação para se comportar como se nada tivesse a ver com as coisas ruins que acontecem ao seu redor.

As vésperas de completar um ano como ministro da Fazenda — o quarto do atual governo —, Mailson tem sido a vítima preferida da falta de autoridade do presidente da República. Sofreu com isso antes mesmo de assumir o ministério em caráter definitivo. No dia em que seria nomeado para a vaga deixada pelo professor Bresser Pereira, Sarney convidou o jornalista Roberto Marinho para um encontro em Brasília.

Recebeu-o pela manhã. Depois de falar sobre a necessidade de designar, logo, um substituto para Bresser, pediu que o jornalista indicasse um nome. Marinho se recusou a fazê-lo. Alegou que aquela era uma atribuição exclusiva do presidente da República. "Mas lembre um nome, lembre um



nome", insistiu Sarney. Pressionado e constrangido, Marinho lembrou o nome do presidente do Banco do Brasil, Camilo Calazans.

"É seu amigo", sublinhou o jornalista. Sarney concordou que era, sim, elogio Calazans, longamente, e em seguida encaixou: "O que o senhor acha do Mailson?" Marinho respondeu que não o conhecia e que ouvira falar pouco dele. No fim do encontro, ao saber que o jornalista ainda permaneceria em Brasília por mais algumas horas, ocupado em despachar no escritório local da Rede Globo, Sarney propôs que ele recebesse Mailson.

Assim se deu. Mailson foi ao encontro do jornalista e fez uma exposição detalhada sobre o que pensava dos problemas econômicos do país. Ao deixar o escritório da Rede Globo, o telefone tocou. Era o presidente, querendo saber o que o jornalista achara de Mailson e do que ouvira. Marinho respondeu que ele lhe causara boa impressão. Sarney, então, informou-o de que o anúncio oficial da nomeação de Mailson sairia à tarde.

"Esse furo é da Rede Globo. Pode dar", ofereceu o presidente. O "furo" foi dado. Na última segunda-feira, Mailson recusou a idéia do ministro Ronaldo Costa Couto de distribuir uma nota dizendo que eram infundadas as informações sobre possíveis interesses de parceiros do pacto social em operações de conversão da dívida. "Não fui eu que as dei e não vou, por isso mesmo, desmentí-las", reagiu Mailson.

Na quinta-feira, Mailson telefonou para Marinho e o autorizou a publicar o que Costa Couto lhe sugerira dizer dois dias antes através de uma nota.

Procura-se ministro — O presidente José Sarney está à procura de um novo chefe da Casa Civil. Já está decidido que o atual titular do cargo, Ronaldo Costa Couto, será efetivado no cargo de ministro do Trabalho, hoje por ele ocupado interinamente. Sarney ainda não sabe quem pode, mas já sabe quem não pode colocar na Casa Civil: seu amigo Prisco Viana. Este seria vetado pelo ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães.

Memórias — O presidente Sarney já datilografou 1.200 páginas do livro de memórias que pretende publicar quando sair do governo. O último episódio por ele abordado foi algo de que tomou conhecimento só há pouco tempo: uma reunião realizada entre Ulysses Guimarães e os demais integrantes do alto comando do PMDB, numa suíte do Hotel Nacional, em Brasília, logo que se soube que o presidente Tancredo Neves não sobreviveria das sucessivas cirurgias a que vinha sendo submetido. Nessa reunião, chegou-se a cogitar da possibilidade de Sarney renunciar à vice-presidência.